

SOBRE O INTERMINÁVEL: DA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA AO TRAUMA HISTÓRICO

ABOUT THE ENDLESS: FROM ANALYTICAL EXPERIENCE TO HISTORICAL TRAUMA

SOBRE LO INFINITO: DE LA EXPERIENCIA ANALÍTICA AL TRAUMA HISTÓRICO

Fernanda Faerman¹

LIVRO: PSICANÁLISE E JUDAÍSMO: DO LIVRO À ESCUTA

ORGANIZADORES: GABRIEL TEITELBAUM, FELIPE CANTERJI GERCHMAN, AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

PORTO ALEGRE: ARTES & ECOS, 2022. 189 P.

Resumo: Psicanálise e judaísmo: do livro à escuta é uma leitura valiosa onde sete autores promovem intersecções entre esses dois potentes campos que são a psicanálise e o judaísmo, dentro da história do humano. Composta por um material farto em criatividade, filosofia, sensibilidade e humanidade, a obra suscita reflexões e contribui certamente para uma continuada discussão a respeito dos temas propostos.

Palavras-chave: Psicanálise. Judaísmo. Escuta. Trauma.

Abstract: Psicanálise e judaísmo: do livro à escuta is a valuable read where seven authors promote intersections between these two powerful fields Psychoanalysis and Judaism, within human history. Composed of rich material in creativity, philosophy, sensitivity, and humanity, this work raises reflections and certainly contributes to a continued discussion regarding the proposed themes.

Keywords: Psychoanalysis. Judaism. Listening. Trauma.

Resumen: Psicanálise e judaísmo: do livro à escuta es una valiosa lectura donde siete autores promueven las intersecciones entre estos dos poderosos campos que son el psicoanálisis y el judaísmo, dentro de la historia humana. Compuesto por material rico en creatividad, filosofía, sensibilidad y humanidad, la obra suscita reflexiones y ciertamente contribuye a una discusión continua sobre los temas propuestos.

Palabras clave: Psicoanálisis. Judaísmo. Escucha. Trauma.

¹ Psicanalista pelo CEP de Porto Alegre, continuamente em formação. ORCID: 0009-0007-3232-5220. E-mail: ferfaerman@gmail.com

“Toda a boa literatura nos transforma em homens e mulheres de outras culturas, de outros países, de diferentes religiões, diferentes tempos e nos faz sentir em casa em lugares muito distantes. É esse o milagre e a magia da literatura.”
Amós Oz

Um texto é um pretexto. Uma resenha também pode ser? Nesse caso, meu pretexto para dizer: leiam este livro. Mas um imperativo não deve vir desacompanhado de boas e justas razões.

Não vou discorrer sobre o quanto me impacta, desde o título, no encontro com minha judeidade. Seria egoísta com textos tão democráticos.

Eu acreditei ser um livro para judeus. Não é um livro somente para judeus. Talvez tenha deduzido ser um livro para psicanalistas. Conclusão frustrada (essas coisas que a gente faz a partir do imaginário, antes do contato com alguma realidade). Mas, então, este é um livro para quem?

Como penso que a escuta analítica seria um atributo humano, e não unicamente reservado a qualquer outra classe específica, talvez eu possa dizer que é um livro para todo o ser humano.

As sessões de análise, nas quais sentimos as transformações através da experiência emocional, a ponto de nem sempre localizarmos, na memória consciente, o que foi dito ou vivido exatamente, ou ainda, qual elemento em si pode ter produzido aquele efeito transformador, penso serem as sessões que merecem o nome de analíticas.

Então, tudo isso para tentar começar a dizer que o livro *Psicanálise e judaísmo: do livro à escuta* é um livro analítico.

Será que, desde essa definição, precisaria dizer mais? Segue a tentativa de compartilhar algumas palavras, pensamentos, sentimentos (transformações?) que me atravessam no encontro com a leitura, que como produto, já penso se poderia ser também subtítulo “da escuta ao livro”.

Fazer uma resenha, após o contato com uma coletânea que carrega um caráter de continuidade, como já aponta a psicanalista Betty Fuks no prefácio, talvez só seja possível se não tentarmos escapar do improvável de uma narrativa puramente objetiva, onde as palavras não são as únicas (e principais?) habitantes. Por aí, o livro já inicia, aliás, com as imagens de capa e miolo, onde encontramos a pintura *Simchat Torá* de Paulina Laks Eizirik e *Moisés com as Tábuas da Lei* e *A Menorah*, ambas de Clara Pechansky. Um escrito que não contém apenas palavras.

Nisso, já encontramos notícias de textos que remetem a várias outras expressões humanas, produzindo associações que se dirigem à criatividade, sonhos, literatura, arte e vivências, dor e trauma. Há algo mais analítico que isso?

O desafio de compor uma resenha só aumenta. Cada escrito, de cada autor, poderia ser um livro à parte. Ou seja, a contar disso, já me vejo privada da capacidade de construir o que escrevo aqui, dentro de uma fiel descrição, do que se trata a riqueza dos textos.

Mas isso em si já aponta para o primeiro trabalho, “O resto do representável”, de Gabriel Teitelbaum, Alexei Conte Indursky e Amadeu de Oliveira Weinmann, onde se coloca a questão de como transmitir a experiência inenarrável. Seria possível pensar e transmitir o que não se inscreve?

Caminhando pela poesia, pela filosofia, pelo cinema, pelos mitos, os autores propõem o pensar das experiências traumáticas e suas possibilidades de representação. O *outsider*, o infa-

miliar, as dimensões ética, estética e política dentro do sofrimento, durante e após Auschwitz, e a intersecção da trajetória analítica como esse caminho de transformar a repetição em recordação, atendo-se à simbolização da morte e nossos necessários enterros.

Na sequência dos textos, Ricardo Timm de Souza nos oferece, já no título “Só há uma expressão para a verdade: o pensamento que nega a injustiça – filosofia, judaísmo e uma questão para a psicanálise”, um ponto que vai acompanhar todo o texto do autor, desde a ideia da filosofia como resistência, trazendo reflexões de o que fazemos com a verdade, na ética da alteridade, responsabilidade não apenas por si mesmo, mas por outrem, do pensamento ético nunca neutro, apostando no encontro, entrelaçando a psicanálise neste viés da procura à espera do outro, esperançosa por justiça. E dessas sincronias curiosas, quando estava a reler o texto de Ricardo (24/3/2024), chega até mim a notícia da prisão dos mandantes do assassinato da socióloga e política brasileira Marielle Franco, após mais de dois mil dias de silêncios e descaso, contribuindo para um cenário de ausência de justiça.

Em “Viagem do Bom Fim até a Moldávia”, Eduardo Kives “deixa o judaísmo falar” e nos faz passear, junto com ele e com seu avô, na profundidade rara de narrativas livres como um conto, por regiões e experiências como descendente que é. Humor, leveza e muito cuidado se veem nesse texto, sem se furtar de falar nos mortos e nas tumbas.

Num texto que igualmente não poderia ser mais atual, Renata Cromberg expõe a política latente entre o judaísmo de Freud e o arianismo de Jung e seu antissemitismo oculto, na relação com Sabina Spielrein.

“Spielrein, Freud e Jung: entre judaísmo e antissemitismo” aborda com excelência como Freud sempre buscou desobrigar a psicanálise de uma identidade judaica, buscando uma não redução do seu aporte, ainda que demonstrando algumas ambivalências próprias do momento nascente em que se situava a psicanálise, bem como do seu próprio judaísmo.

Sem aprofundar detalhes ricos do texto, para que o leitor possa se surpreender, penso que cabe destacar a relevância do tema quando sabemos claras algumas tensões históricas entre ciência e religião.

“Paulina Laks Eizirik: arte, judaísmo e psicanálise”, texto de Cláudio Laks Eizirik, não traz somente a visão de filho, mas também de psicanalista, lançando olhar a partir de duas principais questões: que tipo de pessoa e de judia era a sua mãe e que presença tinha o judaísmo na sua pintura. Interrogações estas impossíveis de abarcar em poucas linhas, correndo o risco de reduzir a trajetória rica desta grande mulher. O autor coloca o judaísmo de Paulina como próprio, mais secular do que religioso, trazendo fatos e vivências que acompanham esta mãe e artista, em associações com suas pinturas e inúmeros elementos que unem judaísmo, história, psicanálise, em seus ciclos destrutivos e construtivos, na permanente esperança da condição humana de resistir.

Celso Gutfreind, em “Judaísmo no divã”, nos põe a pensar e sentir as conexões entre psicanálise e judaísmo, em seu modo mais criativo no terreno da narrativa, da letra, da palavra, do mito. Mostrando aproximações entre a cultura judaica em sua busca por relatos de elaboração e a psicanálise em seu âmago do encontro para elaborar e simbolizar, vamos nos deparando com um texto reflexivo, onde o humor e a esperança se encontram mostrando como, de fato, são pilares para a própria existência humana.

Relacionando termos que constroem e fazem sentido ao que chamamos de psicanálise com referências e essências de palavras hebraicas, “Breve ensaio sobre judaísmo e psicanálise” vai surpreendendo e revelando toda uma comunicação possível entre termos que nos conduzem a esta percepção de continuidade, movimento permanente e não saturação tanto do psiquismo como de toda criação que se diz humana. Felipe Gerchman mostra cuidado e responsabilidade neste texto ao trazer palavras e sentido que ligam psicanálise e judaísmo

sem menosprezar diferenças existentes, o que aguça a curiosidade em compreender mais sobre a importância da linguística para ambas as áreas.

Ao final do livro, encontramos o texto de Otto Rank “A essência do judaísmo”, escrito em 1905, onde deixo ao leitor a tarefa de se envolver nesse escrito, tendo em vista não ter sido preparado diretamente para esta coletânea. No entanto, pode caber um apontamento quanto à seleção deste texto, que penso de fôlego e coragem dos organizadores, como analistas que não zarpam diante das ciclônicas transferências negativas, como se entendessem que as marés altas nos mostram serem os pontos mais próximos ao sol e à lua.